

ITINERÁRIO BIBLIOGRÁFICO PARA O ESTUDO EM FONOLOGIA

Raquel Santana Santos (DL)

1. Apresentação

A primeira porta de acesso de uma pessoa com uma língua passa pelo som e uma das tarefas iniciais ao se adquirir uma língua é segmentar um contínuo sonoro em unidades. Como falantes de uma língua, nos parece natural reconhecermos fronteiras de palavras e de sons. No entanto, esta realidade está longe da forma como nossa mente lida com a face sonora das línguas.

Tomemos como exemplo a sentença 'estudar fonologia é fácil'. Quando gravamos esta sentença e geramos um espectograma (gráfico que representa as ondas sonoras no tempo), observamos que não há pausas entre as palavras e, que, em alguns casos, as palavras se fundem. Na figura abaixo apresentamos o espectograma de banda larga (parte inferior) e a forma de onda da sentença (parte superior), bem como a transcrição fonética desta sentença nas duas últimas camadas. Observe que as palavras 'fonologia é' se fundem (inclusive apagando a última vogal da primeira palavra). Também não há pausas entre nenhuma das palavras (é possível perceber a pausa na forma de onda: quando temos uma linha fina, logo antes do primeiro 'a', temos silêncio (ausência das ondas sonoras). Observe também que o silêncio não ocorre em nenhuma parte da sentença). Concretamente não há pausas, mas nossa mente, por já conhecer as palavras, interpreta fronteiras entre elas e nós 'achamos' que fazemos pausas físicas entre as palavras.

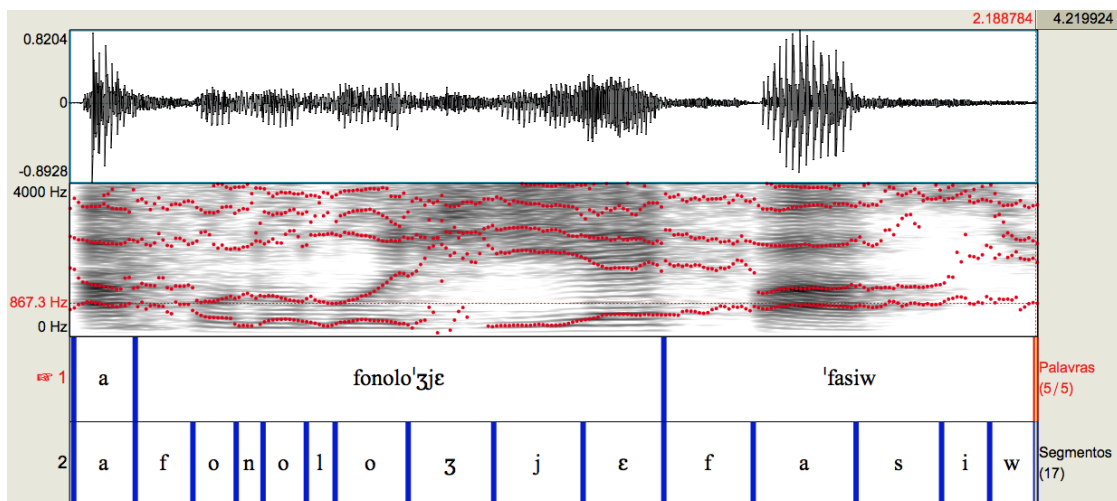


Figura 1: forma de onda e espectrograma da sentença 'a fonologia é fácil' (agradeço a Arthur Pereira Santana pela geração do espectrograma)

Mas uma questão ainda mais delicada se coloca: os sons são afetados pelos sons adjacentes. Comparemos a primeira consoante das palavras 'Karina' e 'kilo' (repetindo apenas a primeira sílaba). Como se pode observar, a consoante em 'Karina' é produzida levantando-se mais a parte de trás da língua do que em 'kilo'. Em português, esta diferença é irrelevante, mas estes dois sons são contrastivos em coreano (ou seja, nesta língua eles distinguem palavras diferentes). Assim, se somos falantes de português, esta diferença é tão irrelevante que muitas vezes não a escutamos. Além disso, às vezes temos sons contrastivos em nossas línguas que são neutralizados em algumas posições. Por exemplo, /e/ e /i/ são fonemas (unidades contrastivas) do português (eg. 'pino' vs. 'peno' (1ª. pessoa do singular do verbo 'pensar')), mas em sílabas pretônicas esse contraste desaparece e esses dois sons se alternam (por exemplo, 'menino' pode ser produzido como [me.ni.no] ou [mi.ni.no]). Nossa mente não lida com os dados brutos, mas os interpreta: muitas vezes 'ouve' como igual sons diferentes, outras vezes 'ouve' como diferentes, sons iguais.

Este descompasso entre a realidade e a língua é o que conhecemos como Problema de Projeção, que trata da passagem da Língua E para a Língua I. Língua E é a língua externa, organizada por uma quantidade de dados com propriedades contínuas, lineares, graduais. A língua I, por outro lado, é a língua interna, intensional (com a propriedade de intensão, intensidade). Trata-se de um sistema computacional simbólico, combinatório, sequencial, recursivo, estruturado e discreto/digital (ou seja, não-gradual, não-escalar).

Se formos descrever um som para a língua E, apresentaremos os valores dos formantes (os picos de intensidade de um espectro sonoro). Por exemplo, o primeiro [a] da sentença acima foi produzido com F1 (primeiro formante) = 851Hz e F2 = 1319Hz. No entanto, a cada vez que produzimos um mesmo som, ele acaba concretizando-se diferentemente. O segundo [a] (em 'fácil') apresentou F1 = 829Hz e F2 = 1259Hz. Ou seja, a língua I-português ignora as diferenças graduais entre esses diferentes sons e os analisa como variantes (fones) de uma única unidade (fonema).

O Problema de Projeção passa por diversas questões. A primeira é a que discutimos acima, a continuidade da cadeia sonora. Ou seja, como converter o estímulo acústico (que é contínuo) em uma representação discreta, descontínua, digital. No espectrograma acima 'dividimos' o contínuo sonoro em palavras e em segmentos, mas esta divisão é complexa, pois tenta encontrar limites onde não há. Isto é, não temos uma série de segmentos linearmente colocados uns após os outros, mas eles se conectam e se influenciam. Por exemplo, na Figura 2 abaixo temos o espectrograma de duas sequências de vogais. Veja que para cada uma delas, entre as duas vogais há uma transição, um momento de transformação entre o que é a primeira vogal e a segunda. Estas transições também ocorrem na fala natural. Assim, quando na Figura 1 dividimos o contínuo em segmentos, estávamos decidindo por limites dentro destas transições.

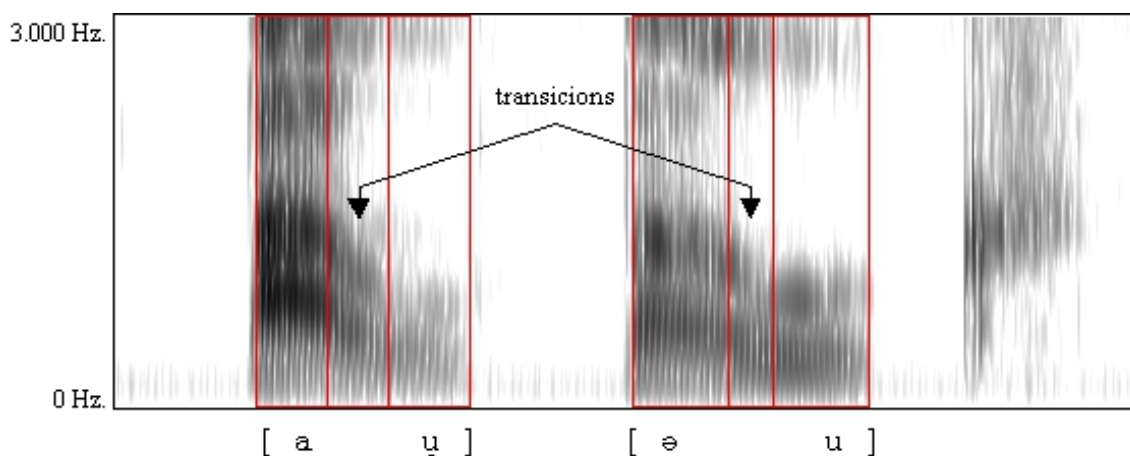


Figura 2: Demestre, Llisterr, Riera, Soler (2006) La Percepció del llenguatge. Soler, **Psicologia del Llenguatge**

Um segundo problema é a opacidade da cadeia sonora. Se gravamos uma sílaba [pi], retiramos o [p] e o colamos na frente de um [a], escutaremos um [ka]. Este exemplo nos mostra como um mesmo som apresenta propriedades diferentes a depender do ambiente. Por outro lado, temos que diferentes sons se comportam como um único em ambientes diferentes. Por exemplo, a palavra 'mesmo' é produzida como [mez.mu]

(produzido por um carioca), [meh.mu] (o [h] representa o som de rr dos cariocas), [me.mu], [mez.mu] a depender do dialeto. Além disso, há muitos processos que apagam sons de palavras. Por exemplo, uma sentença como 'o leite de vaca é mais gostoso ainda' pode ser produzida como [u.lej.dʒi.va.kɛ.majs.gos.to.za.ĩ.da]. Note que 'leite' virou 'lei', 'vaca é' acaba produzido como 'vaqué' e 'gostoso ainda' é produzido como 'gostosainda'.

Descrever e explicar quais as unidades de uma língua, que processos as modificam e em que condições essas modificações acontecem são as principais (mas não únicas questões) com que lida a Fonologia. Entender as variações e mudanças linguísticas causadas pelo próprio sistema ou por fatores extralinguísticos, como as crianças adquirem o sistema fonológico de sua língua, como os sons são representados/armazenados mentalmente, como o sistema fonológico de uma língua afeta a aquisição de uma língua estrangeira também estão entre os interesses da área.

No entanto, antes de apresentarmos as principais obras que servem como introdução ao estudo da área, cumpre chamar a atenção para 2 pontos.

O primeiro é que fones ou fonemas não são o mesmo que letras. Nossa cultura letrada faz com que muitos incorram neste erro, mas é fácil desfazer este equívoco. Observe que em português a letra *x* corresponde a vários sons (e às vezes a mais do que um ou a nenhum): xícara, táxi, exame, exceto. Por outro lado, um mesmo som pode ser representado ortograficamente por diferentes letras. Observe o fonema /s/ (aquele da primeira consoante da palavra 'sapo'). Este fonema pode ser representado por s, ss, ç, (sapo, assa, caça). Algumas vezes, temos mais de uma letra representando um único som: **telha**, **tenha**, **carro**, **massa**. De forma a que a descrição dos fones e fonemas seja a mais fiel possível, a fonologia (e a fonética) trabalha com um Alfabeto Fonético (cf. Quadro 1 abaixo). Neste site é possível clicar nos sons e ouvi-los: <http://www.internationalphoneticalphabet.org/ipa-sounds/ipa-chart-with-sounds/>

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (revised to 2015)

CONSONANTS (PULMONIC)

© 2015 IPA

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill	ʙ			ɾ					ʀ		
Tap or Flap		ⱱ		ɽ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Symbols to the right in a cell are voiced, to the left are voiceless. Shaded areas denote articulations judged impossible.

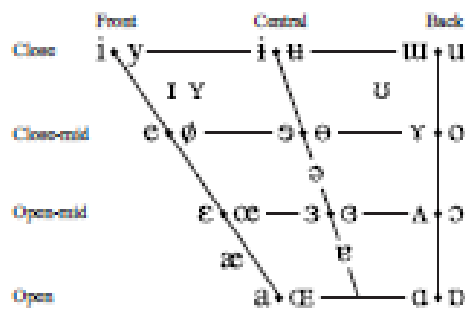
CONSONANTS (NON-PULMONIC)

Clicks	Voiced implosives	Ejectives
⠼ Bilabial	ɓ Bilabial	' Examples:
Dental	ɗ Dental/alveolar	p' Bilabial
! Postalveolar	ɟ Palatal	t' Dental/alveolar
≡ Postalveolar	ɡ Velar	k' Velar
Alveolar lateral	ɠ Uvular	s' Alveolar fricative

OTHER SYMBOLS

ʌ Voiceless labial-velar fricative	ç ʝ Alveolo-palatal fricatives
ʋ Voiced labial-velar approximant	ɭ Voiced alveolar lateral flap
ɰ Voiced labial-palatal approximant	ʎ Stenographic \int and \varkappa
ɦ Voiceless epiglottal fricative	
ʕ Voiced epiglottal fricative	Affricates and double articulations can be represented by two symbols joined by a tie bar if necessary.
ʡ Epiglottal plosive	

VOWELS



Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a rounded vowel.

SUPRASEMENTALS

- ˈ Primary stress ˈfəʊndə'tiʃən
- ˌ Secondary stress ˌkɒp
- ː Long eː
- ˑ Half-long eˑ
- ˚ Extra-short ɛ̥
- ̤ Minor (foot) group
- ̥ Major (intonation) group
- ˑ Syllabic break ʃl.ɪk.tɪ
- ◌̥ Linking (absence of a break)

TONES AND WORD ACCENTS

LEVEL	CONTOUR
ē or ˉ Extra high	ē or ˉ Rising
é ˘ High	é ˘ Falling
ē ˆ Mid	ē ˆ High rising
è ˘ Low	è ˘ Low rising
ē̄ ˘ Extra low	ē̄ ˘ Rising-falling
ˑ Downstep	ˑ Global rise
ˑ Upstep	ˑ Global fall

DIACRITICS Some diacritics may be placed above a symbol with a descender, e.g. $\underset{\cdot}{\text{t}}$

˗ Voiceless $\underset{\cdot}{\text{p}}$ $\underset{\cdot}{\text{t}}$	˗ Breathy voiced $\underset{\cdot}{\text{b}}$ $\underset{\cdot}{\text{d}}$	˗ Dental $\underset{\cdot}{\text{t}}$ $\underset{\cdot}{\text{d}}$
˘ Voiced $\underset{\cdot}{\text{s}}$ $\underset{\cdot}{\text{z}}$	˘ Crazy voiced $\underset{\cdot}{\text{b}}$ $\underset{\cdot}{\text{d}}$	˘ Apical $\underset{\cdot}{\text{t}}$ $\underset{\cdot}{\text{d}}$
̂ Aspirated $\underset{\cdot}{\text{t}}^{\text{h}}$ $\underset{\cdot}{\text{d}}^{\text{h}}$	̂ Lingual/dental $\underset{\cdot}{\text{t}}$ $\underset{\cdot}{\text{d}}$	˘ Laminar $\underset{\cdot}{\text{t}}$ $\underset{\cdot}{\text{d}}$
˙ More rounded $\underset{\cdot}{\text{ɔ}}^{\text{y}}$	˙ Labialized $\underset{\cdot}{\text{t}}^{\text{w}}$ $\underset{\cdot}{\text{d}}^{\text{w}}$	˘ Nasalized $\underset{\cdot}{\text{e}}^{\text{n}}$
˙ Less rounded $\underset{\cdot}{\text{ɔ}}^{\text{ɹ}}$	˙ Palatalized $\underset{\cdot}{\text{t}}^{\text{j}}$ $\underset{\cdot}{\text{d}}^{\text{j}}$	˙ Nasal release $\underset{\cdot}{\text{d}}^{\text{h}}$
˙ Advanced $\underset{\cdot}{\text{ɰ}}$	˙ Velarized $\underset{\cdot}{\text{t}}^{\text{v}}$ $\underset{\cdot}{\text{d}}^{\text{v}}$	˙ Lateral release $\underset{\cdot}{\text{d}}^{\text{l}}$
˙ Retracted $\underset{\cdot}{\text{e}}^{\text{ɣ}}$	˙ Pharyngealized $\underset{\cdot}{\text{t}}^{\text{ɣ}}$ $\underset{\cdot}{\text{d}}^{\text{ɣ}}$	˙ No audible release $\underset{\cdot}{\text{d}}^{\text{̚}}$
˙ Centralized $\underset{\cdot}{\text{e}}^{\text{ç}}$	˙ Velarized or pharyngealized $\underset{\cdot}{\text{t}}^{\text{ɣ}}$	
˙ Mid-centralized $\underset{\cdot}{\text{e}}^{\text{ɞ}}$	˙ Raised $\underset{\cdot}{\text{e}}^{\text{̥}}$ ($\underset{\cdot}{\text{j}}$ - voiced alveolar fricative)	
˙ Syllabic $\underset{\cdot}{\text{m}}$	˙ Lowered $\underset{\cdot}{\text{e}}^{\text{̚}}$ ($\underset{\cdot}{\text{β}}$ - voiced bilabial approximant)	
˙ Non-syllabic $\underset{\cdot}{\text{e}}^{\text{̥}}$	˙ Advanced Tongue Root $\underset{\cdot}{\text{e}}^{\text{̠}}$	
˙ Rhoticity $\underset{\cdot}{\text{e}}^{\text{̠}}$ $\underset{\cdot}{\text{e}}^{\text{̡}}$	˙ Retracted Tongue Root $\underset{\cdot}{\text{e}}^{\text{̡}}$	

Typeset in Doulos SIL (main text); Doulos SIL, IPA Kiel, IPA LS Uni (symbols)

Quadro 1: Alfabeto Fonético Internacional, versão revista em 2015

O segundo ponto diz respeito ao caráter acústico dos estudos fonológicos. Por muitos anos, a fonologia era compreendida e descrita como a contraparte sonora da língua. No entanto, estudos recentes mostram que as línguas de sinais apresentam as

mesmas características que línguas que se utilizam dos sons como meio de concretização. Assim que, hoje em dia, fonologia é entendida mais amplamente: a fonologia estuda o meio de expressão da língua, quer seja ele oral ou manual. Se no caso das línguas orais as unidades que constituem a fonologia são os fonemas, formados por conjuntos de traços (como os apontados no Quadro 1 acima: vozeamento (surda vs. sonora), ponto de articulação (local onde o articulador modifica a passagem normal de ar (por exemplo: labial, dental, palatal)) e modo (forma como a corrente de ar é liberada (por exemplo: plosiva, fricativa, nasal)), na língua de sinais se assume que os sinais são compostos por basicamente três parâmetros: configuração, locação e movimento. Para maiores informações sobre a fonologia da língua de sinais, confira: Quadros, Ronice Muller de; Karnopp, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

2. Livros- texto em Fonologia

Para os primeiros estudos em fonologia sugerimos os seguintes livros, com dezenas de exercícios que permitem o treino da solução de problemas em diferentes quadros teóricos:

- 1) Hayes, Bruce. **Introductory Phonology**. Oxford: Wiley-Blackwell. 2009.
Este livro foi escrito para aqueles que sabem um pouco de linguística, mas ainda não fizeram nenhum estudo sistemático em fonologia. Além de trazer exercícios ao final de cada capítulo e na internet, ele traz sempre uma seção de sugestão de leituras para o aprofundamento no tema. Também traz um interessante capítulo sobre como fazer uma coleta de dados em fonologia. Como toda introdução, a apresentação de fonologia é feita dentro de um quadro mais estruturalista (embora os trabalhos do autor tenham sido de análises mais gerativistas numa versão Princípios & Parâmetros num primeiro momento e depois dentro da Otimalidade).
- 2) Halle, Morris; Clements, George. **Problem book in phonology: a workbook for introductory courses in linguistics and in modern phonology**. Cambridge, MA: MIT Press. 1983.

Trata-se de um livro antigo, mas excelente para a introdução a análises fonológicas. A discussão/apresentação teórica é dada utilizando o inglês como língua de análise, mas os exercícios são organizados utilizando diferentes

línguas e num crescente de complexidade, mostrando ao estudante como muitas vezes uma dada solução depende de decisões em análises prévias, e não decorrente dos fatos.

- 3) Roca, Iggy; Johnson, Why. **A workbook in phonology**. Oxford: Blackwell Pub.1999.

Este livro de exercícios traz um capítulo inicial sobre fonética e depois capítulos sobre diferentes aspectos fonológicos em diferentes línguas. Ao final, 2 capítulos dão especial atenção sobre como teorias derivacional e otimalista lidam com diferentes fenômenos fonológicos.

- 4) Bisol, Leda (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1999.

Cada capítulo deste livro traz um tema em fonologia (segmentos, acento, sílaba) em um quadro teórico e exercícios utilizando o português como língua de análise.

- 5) Silva, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto. 1999.

- 6) Silva, Thaís Cristófar. **Exercícios de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto. 2003.

Como diz a própria autora na introdução de seu segundo livro, “acredito que se aprende fonologia fazendo fonologia”. A autora se propõe, nestes dois livros, a cumprir seu objetivo, usando o português como língua de análise, discutindo inclusive casos de variação dialetal, desvios fonológicos, e aquisição de inglês por falantes do português.

3. Teorias Fonológicas

Exatamente por serem os sons a parte concreta, tangível da língua, os estudos em fonologia datam de muito tempo. Os estudos clássicos têm uma aproximação mais descritiva sobre a organização do componente fonológico. Com o passar do tempo, com a constatação das limitações de certas teorias para lidar com alguns fatos linguísticos, ou com a tentativa de se passar da descrição para a explicação de por que a língua é do jeito que é, diversas teorias têm sido propostas. Assim, é impossível sermos exaustivos nesta apresentação. Optamos então por indicar algumas leituras a partir do trabalho de Chomsky & Halle (1968), mas indicamos ao leitor interessado em entender as raízes

dos estudos em fonologia e mesmo das diferentes propostas teóricas, que busquem os trabalhos de Jakobson, Troubetzkoy, Martinet, Sapir, Pike, entre muitos outros.

- 1) Chomsky, Noam; Halle, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper & Row. 1968.

A análise de Chomsky & Halle para o inglês marcou um grande período de trabalhos em fonologia em que se entendia a fonologia gerativa (assim como outros componentes gramaticais) como uma teoria transformacional. Regras fonológicas transformavam uma estrutura subjacente na produção efetiva (o *output*) do falante. Os autores não trabalham com os fonemas, mas com suas matrizes de traços, e diferenciam o funcionamento destas matrizes fonológicas (caracterizadas em termos de + - ou ausência) com a concretização fonética (identificadas por índices para os traços). Seguindo este tipo de análise, temos: Barbara Strodt Lopez. **The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect)**. Tese de Doutorado. Universidade da Califórnia, Los Angeles. 1979

- 2) Liberman, Mark; Prince, Alan. *On Stress and Linguistic Rhythm*. **Linguistic Inquiry** 8. pp. 249-336.1977.

Até o estudo de Chomsky & Halle (1965), o acento era compreendido como uma propriedade da vogal. Uma sílaba acentuada era aquela que continha uma vogal que portava um traço [+ acento]. Este trabalho é pioneiro porque é o primeiro que chama a atenção para o caráter relacional do acento: uma sílaba é acentuada em comparação com uma outra. Os autores então propõem neste artigo que o acento (tanto de palavra quanto de sequências maiores que uma palavra) são gerados pela construção de uma grade métrica que captura este caráter relacional do acento. De acordo com este tipo de proposta, o acento de palavra é gerado a partir de acentos mais baixos (secundários). Este modo de compreender o acento é importante porque chama a atenção para um ponto de vista não-linear das unidades fonológicas. As unidades não são mais organizadas apenas temporalmente (uma depois da outra), mas se organizam hierarquicamente, numa estrutura que não é organizada temporalmente. Esta visão não-linear acabou sendo seguida em outras abordagens teóricas, como as mencionadas abaixo.

- 3) Selkirk, Elisabeth. **Phonology and syntax: the relations between sound and structure**. Cambridge: The MIT Press. 1984.
- 4) Nespor, Marina; Vogel, Irene. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Pub. 1986.

Os livros de Selkirk e de Nespor & Vogel organizam o que passou a ser conhecido como Fonologia Prosódica – teoria que trata dos fenômenos fonológicos em interação com outros componentes da gramática (morfologia, sintaxe, semântica). De acordo com as propostas prosódicas, informações de outros componentes gramaticais servem para a construção de domínios prosódicos, organizados hierarquicamente e onde as regras fonológicas se aplicam. Assim, a interação entre a fonologia e os demais componentes é indireta, via construção dos domínios.

- 5) Goldsmith, John. **Autosegmental and Metrical Phonology**. Oxford: Basil Blackwell. 1990.
- 6) Clements, George N. The Geometry of Phonological Features. **Phonology Yearbook** 2. pp. 225-252. 1985.

Inúmeros trabalhos nas décadas de 1970 e 1980 já começavam a questionar a organização dos traços constitutivos dos segmentos fonológicos em matrizes. A tese de doutorado de Goldsmith, posteriormente publicada em livro, levou a termo estas análises, mostrando a independência destes segmentos. O trabalho de Clements, a partir da fonologia segmental, defende que os traços distintivos são estruturados hierarquicamente. Esta estrutura permite capturar porque alguns processos fonológicos atuam sobre apenas traços individuais, enquanto que outros processos atuam sobre conjuntos de traços.

- 7) Hayes, Bruce. **Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies**. Chicago: University of Chicago Press. 1995 (tese publicada em 1985).

Este livro é a publicação da tese de doutorado de 1985 do autor. Nele, Hayes faz um extensivo trabalho tipológico das línguas baseado no sistema acentual e captura os diferentes sistemas acentuais numa análise fonológica por princípios e parâmetros.

- 8) Pierrehumbert, Janet. **The phonology and phonetics of English intonation**. Tese de Doutorado. MIT (distribuída em 1988 por Indiana University Linguistics Club).

A tese de Pierrehumbert é pioneira na forma de tratamento dos estudos em entoação, já que consegue capturar o aspecto discreto, não linear das categorias entoacionais, assumindo apenas dois tons básicos. Diversas análises se seguiram mais ou menos próximas da de Pierrehumbert. Para maiores

informações sobre os estudos entoacionais, sugerem-se os resultados do Interactive Atlas of the Romance Intonation (<http://prosodia.upf.edu/iari/>).

- 9) McCarthy, John (ed). **Optimality Theory in Phonology – a reader**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

A Otimalidade é uma forma diferente de conceber a gramática. Esta proposta assume que há dois módulos: GEN e EVAL. Gen é responsável por gerar diferentes possibilidades de produção a partir das fontes estruturais básicas de uma teoria representacional, enquanto que o Eval, que é constituído por inúmeras restrições, é o módulo que seleciona para o *output* uma das produções geradas pelo Gen. Não há possibilidade incorreta ou errada e a seleção da possibilidade a ser produzida vai depender da hierarquia das restrições. A Otimalidade nasceu como uma teoria não derivacional (em que o resultado de um processo pode servir como *input* para outro), no entanto, hoje em dia é possível encontrar vários trabalhos que seguem uma linha serial.

Este livro é uma excelente introdução à Otimalidade ao mesmo tempo que um livro de consultas, pois os capítulos são excertos de trabalhos em fonologia dentro desta perspectiva. Com capítulos de expoentes pesquisadores, trata de diversos aspectos fonológicos (fonologia segmental, prosódica, interfaces).

- 10) Bybee, Joan. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

Nos últimos anos têm ganhado força trabalhos que argumentam que a frequência de uso das palavras (alta, média, baixa) é um importante fator na organização da estrutura da língua nos seus diversos componentes. A autora tem também um livro específico em fonologia dentro desta perspectiva teórica: **Phonology and language use**. Cambridge University Press, 2001

4. Estudos em Aquisição Fonológica

Os trabalhos sobre aquisição fonológica são inúmeros e crescem a cada dia, dentro das mais diferentes correntes teóricas. Abaixo, sugerimos alguns para o início do aprofundamento na questão.

- 1) Smith, Neilson V. **The Acquisition of Phonology. A case study.** Cambridge: Cambridge University Press. 1973.

O livro de Smith é um clássico em aquisição fonológica, mas exige um bom conhecimento de fonologia gerativa (Chomsky & Halle 1968) e das formas de notação das regras para acompanhar o trabalho. Neste livro, o autor descreve a aquisição fonológica de A., seu filho. O autor foca especificamente na aquisição segmental, nas regras de modificação do *output* e nas formas de interação dessas regras.

- 2) Smith, Neil. **Acquiring Phonology. A cross-generational case-study.** Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

Em seu livro de 2010, Smith descreve a aquisição fonológica de Z., filho de A., comparando os dois processos de aquisição, mas também discute a natureza da aquisição fonológica: a dicotomia competência-desempenho, o desencontro entre produção e percepção, o desenvolvimento das representações lexicais. O autor claramente se coloca dentro de uma visão inatista de aquisição.

- 3) Bernhardt, Barbara Handford; Stemberger, Joseph Paul. **The Handbook of Phonological Development: from the perspective of Constraint-Based nonlinear phonology.** Academic Press. 1998.

Este livro traz um panorama extenso da aquisição fonológica (segmental e prosódica) dentro do quadro teórico da Otimalidade. Para além da aquisição fonológica típica, traz também discussão sobre a aquisição infantil atípica e um capítulo especial para lidar com questões de aquisição de formas alternantes na fala adulta. Este último é um tópico que tem recebido muito pouca atenção na literatura da área, e por isso chamamos a atenção para ele.

- 4) Yavaş, Mehmet. **Phonology Development and disorders.** San Diego: Singular Pub. Grouping. 1998.

Este livro é interessante porque traz uma discussão sobre o desenvolvimento fonológico atípico atrelado à discussão fonológica. Trata-se ainda de um livro texto, com exercícios ao final de cada capítulo, o que permite um treino para a análise da aquisição de aspectos fonológicos em diferentes quadros teóricos.

5. A Fonologia do Português

Como dissemos no início, a literatura sobre fonologia é abundante e isso não é diferente para estudos sobre a fonologia do português. Assim, qualquer lista já nasce incompleta. Por isso, optamos aqui por apresentar apenas 6 obras: as de Mattoso Câmara, precursor da linguística do português brasileiro, e outros 3 livros que apresentam uma visão mais geral da fonologia do português.

- 1) Mattoso Câmara Jr., Joaquim. **Problemas de Linguística descritiva**. Petrópolis: ed. Vozes. 1970.
- 2) Mattoso Câmara Jr., Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: ed. Vozes. 1970.
- 3) Mattoso Câmara Jr., Joaquim. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão livraria e editora. 1979.

Mattoso Câmara foi pioneiro na análise estruturalista do português e não há tema em fonologia que ele não tenha descrito. Acima indicamos apenas 3, e o segundo deles é a tradução do livro publicado nos Estados Unidos.

- 4) Mateus, Maria Helena; d'Andrade, Ernesto. **The Phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University Press. 2000.

Este livro traz uma descrição compreensiva das principais unidades e processos fonológicos do português, em suas versões faladas em Coimbra (Portugal) e Rio de Janeiro (Brasil). Trata ainda, em dois de seus capítulos, da interação fonologia-morfologia.

- 5) Bisol, Leda; Brescancini, Cláudia Regina (eds). **Contemporary Phonology in Brazil**. Cambridge: Cambridge Scholars Pub. 2008.

Trata-se de um livro com trabalhos apresentados em um *workshop* sobre fonologia do português brasileiro e de línguas indígenas brasileiras.

- 6) Wetzels, Leo; Menuzzi, Sérgio; Costa, João (eds.) **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Oxford: Wiley-Blackwell. 2016.

Este livro, que traz um panorama bem detalhado sobre os estudos do português – europeu e brasileiro –, traz 11 capítulos sobre a fonologia do português, em seus aspectos segmentais, prosódicos, entoacionais, na interação com morfologia e sintaxe, além de discutir a aquisição, mudança e variação fonológicas. Como trata do português, permite que interessados no assunto, mas

ainda não muito acostumados com os diferentes quadros teóricos, possam mais facilmente seguir as discussões.

6. Nota final

Os textos selecionados aqui são introdutórios – ou para iniciantes nos estudos em fonologia ou para iniciantes em uma teoria fonológica específica (e neste último caso, o interessado leitor não deve ser completamente iniciante em fonologia). Além destes textos, os *handbooks* ou livros que apontam para o *state of the art* são sempre de muito proveito porque trazem, em uma única obra, um resumo das principais questões que se têm na área.

- 1) Goldsmith, John; Riggle, Jason; Yu, Alan (eds). **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Wiley Blackwell 2011

Em 1995, Goldsmith lançou a primeira edição deste *handbook*. Agora o livro vem em sua segunda edição, incorporando os avanços na teoria fonológica desde então (atenção: não se trata de uma edição revista e ampliada. Trata-se de outra obra).

- 2) De Lacy, Paul (eds). **The Cambridge Handbook of Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press. 2007

Como o anterior, trata-se de uma coleção de artigos que fazem um balanço sobre os principais temas em fonologia do momento em que foi publicado.

- 3) Goldsmith, John. **Phonological Theory. The essential readings**. Oxford: Blackwell 1999.

Este livro faz parte de uma coleção da Blackwell que traz, para cada volume, excertos das principais obras referentes ao tema de que trata. Neste, estão contemplados trechos seminais de trabalhos dentro da fonologia gerativa, fonologia autosssegmental, geometria de traços, teoria de sílaba e de acento, morfologia prosódica, entre outros.

Este roteiro bibliográfico aponta o início de um caminho, mas não mais do que isso. Final não há, porque os estudos fonológicos estão em constante atualização. E

mesmo caminho não há, já que inúmeros podem ser traçados, a depender do viés teórico que se decide seguir. A sugestão para cada próximo passo é sempre buscar as referências das obras aqui indicadas e seguir os pesquisadores cujas obras interessam. Para isso, ferramentas como ResearchGate e mesmo o Curriculum Lattes são de extrema ajuda.